

A experiência de vida das múltiplas infâncias e juventudes adolescentes na pandemia do Covid-19: Dewey e as práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais

The life experience of multiple childhoods and adolescent youth in the Covid-19 pandemic: Dewey and pedagogical practices in the teaching of Visual Arts

La experiencia de vida de las múltiples infancias y juventudes adolescentes en la pandemia del Covid-19: Dewey y las prácticas pedagógicas en la enseñanza de las Artes Visuales

Maristani Polidori Zamperetti ¹

Claudia Rekowsky Bistrichi ²

1 Doutora e Mestra em Educação. Professora-Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado (PPGE) e no Centro de Artes (UFPel). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8058990518394490> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9600-1988> E-mail: maristaniz@hotmail.com

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1091514439268935> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2396-6508> E-mail: professora.claudia.bistrichi@gmail.com

RESUMO

O presente artigo reflete sobre as experiências de vida de crianças e adolescentes durante a pandemia do Covid-19. Observamos, no contexto estudado, as manifestações artísticas suscitadas e as vulnerabilidades sociais agravadas presentes nesta fase de vida. Buscamos compreender essas experiências, a fim de refletir sobre o Ensino de Artes Visuais, especificadamente, os conteúdos curriculares, pensando no contexto múltiplo das infâncias e juventudes adolescentes. Após, discorremos sobre o Ensino de Artes Visuais em contexto pandêmico, com apoio na perspectiva de Dewey (2011), em especial, no livro 'Experiência e Educação'. Utilizamos como metodologia a revisão bibliográfica de livros, capítulos de livros, artigos e sites eletrônicos e consultas em plataformas virtuais de Artes Visuais. Concluímos que as visualidades da pandemia atuam como pedagogias culturais e que o Ensino de Artes Visuais pode potencializar a aproximação do olhar das crianças e adolescentes às experiências de vida de outras infâncias e juventudes, produzindo assim, um sentimento de empatia e/ou indignação, abarcando a experiência de vida dos estudantes, a partir de conteúdos que proponham a reflexão sobre o momento contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia; Experiência; Ensino; Artes Visuais

ABSTRACT

This article reflects on the life experiences of children and adolescents during the Covid-19 pandemic. We observed, in the studied context, the artistic manifestations raised and the aggravated social vulnerabilities present in this stage of life. We seek to understand these experiences in order to reflect on the Teaching of Visual Arts, specifically, the curricular contents, thinking about the multiple context of childhood and adolescent youth. Afterwards, we talk about the Teaching of Visual Arts in a pandemic context, supported by the perspective of Dewey (2011), in particular, in the book 'Experience and Education'. We use as a methodology the bibliographic review of books, book chapters, articles and electronic sites and consultations on virtual platforms of Visual Arts. We conclude that the pandemic's visualities act as cultural pedagogies and that the Teaching of Visual Arts can enhance the approach of the eyes of children and adolescents to the life experiences of other childhoods and youths, thus producing a feeling of empathy and/or indignation, encompassing the life experience of students, based on contents that propose reflection on the contemporary moment.

KEY-WORDS

Pandemic; Experience; Teaching; Visual Arts

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre las experiencias de vida de niños y adolescentes durante la pandemia de Covid-19. Observamos, en el contexto estudiado, las manifestaciones artísticas planteadas y las vulnerabilidades sociales agravadas presentes en esta etapa de la vida. Buscamos comprender estas experiencias para reflexionar sobre la Enseñanza de las Artes Visuales, específicamente, los contenidos curriculares, pensando en el contexto múltiple de la niñez y adolescencia juvenil. Posteriormente, hablamos de la Enseñanza de las Artes Visuales en un contexto pandémico, apoyados en la perspectiva de Dewey (2011), en particular, en el libro 'Experiencia y Educación'. Utilizamos como metodología la revisión bibliográfica de libros, capítulos de libros, artículos y sitios electrónicos y consultas en plataformas virtuales de Artes Visuales. Concluimos que las visualidades de la pandemia actúan como pedagogías culturales y que la Enseñanza de las Artes Visuales puede potenciar el acercamiento de la mirada de los niños y adolescentes a las vivencias de otras infancias y jóvenes, produciendo así un sentimiento de empatía y / o indignación, abarcando la experiencia de vida de los estudiantes, a partir de contenidos que proponen una reflexión sobre el momento contemporáneo.

PALABRAS CLAVE

Pandemia; Experiencia; Enseñanza; Artes Visuales

Introdução

A pandemia do recente coronavírus causou grandes transformações nas nossas vidas, mudando forçosamente nossas relações com o meio ambiente, e em maior instância, com o meio urbano. Ao passo que o processo se desencadeava, múltiplas manifestações artísticas foram se desenvolvendo, principalmente, nos espaços virtuais, retratando as novas dinâmicas de convivência: confinamento, máscaras de proteção, o vírus ameaçador, os profissionais de saúde, a morte, a solidão, entre outras. As artes visuais refletiram a experiências de vida das pessoas durante a pandemia através de diferentes narrativas, pedagogias culturais que educam nossas relações e sentimentos a partir de diferentes meios. Em meio a tudo isso, as vulnerabilidades sociais se acentuaram em diversos contextos, dado as desigualdades sociais e injustiças já existentes.

Não obstante, ocorreu um aumento dos índices de violência doméstica contra as mulheres e as crianças, como também uma maior exposição ao vírus da COVID-19 para as pessoas em vulnerabilidade social. Neste sentido, a vista pela janela, os violinos na varanda, os passeios virtuais em museus de Arte formaram novas estéticas criadas pela pandemia, experiências do (im)possível, porque a pandemia também criou um cenário ameaçador para as populações vulneráveis, como o número absurdo de mortes, 500 mil mortes até o dia 19 de junho de 2021 (TITO, 2021), o negacionismo da pandemia (RUTHSAM, 2021), as violências domésticas (MARQUES, 2020) e a contaminação dos povos indígenas do Brasil (PONTES et al., 2021).

Assim, buscamos compreender os contextos e as experiências vivenciadas pelas infâncias e juventudes adolescentes na multiplicidade de situações vivenciadas neste momento. Compreendemos, por hipótese, que o professor ou a professora de Artes Visuais pode mobilizar experiências em seus alunos por meio dos conteúdos escolares, como uma resposta criativa e sensível frente aos problemas sociais decorrentes da pandemia. Mas, para que isso aconteça, é necessário conhecer as experiências de vida das crianças e dos adolescentes, para então desenvolver atividades educativas que promovam aberturas nas possibilidades vivenciadas.

Utilizamos como referência a obra de John Dewey intitulada 'Experiência e educação', escrita em 1938, e que ainda guarda subsídios para reflexões atuais. É dada maior ênfase no seu capítulo sete, intitulado 'A organização progressiva das matérias e conteúdos curriculares', uma vez que o que se objetiva é pensar os conteúdos de Artes Visuais a partir da experiência de vida dos estudantes na pandemia da COVID-19.

Infâncias e adolescências na pandemia e seu cenário social e artístico

Em virtude da pandemia do novo coronavírus, a população mundial se viu num contexto de lockdown, quarentenas e home office. Estas dinâmicas de prevenção

à disseminação do vírus e de suas variantes contagiosas provocou o isolamento doméstico, entre 2020 e 2021, por tempo quase integral, em que saíamos apenas para as necessidades essenciais. Estando mais tempo em nosso ambiente residencial, passamos a criar novas dinâmicas de convivência, promovendo experiências diferenciadas e inusitadas.

O cinema, que antes era visto em salas cinematográficas, agora passa a ser visto pelas telas de nossa televisão ou notebook, na sala ou no quarto. A experiência com o cinema passa a ser doméstica e para alguns, uma experiência solitária. O cinema é substituído pelos vídeos no YouTube e plataformas de streaming, como a Netflix ou Amazon Prime. Os shows passam a serem transmitidos em lives. Os concertos de músicas, óperas, as apresentações de dança e teatro, as Bienais de Arte e de livros, todos em modo on-line, sendo visualizados pelos nossos dispositivos móveis. Criamos com isso novas experiências estéticas em nosso ambiente domiciliar.

Os professores, e em especial os professores da educação básica, estão trabalhando em home office desde o mês de março do ano de 2020, através de um ensino síncrono e assíncrono. Os smartphones outrora proibidos em sala de aula tornam-se a principal mídia de interação entre alunos, professores, pais e/ou responsáveis e gestores educacionais. Nas aulas de Artes Visuais as tecnologias digitais, como o smartphone, já estavam sendo usadas, independente da proibição ou não do seu uso (SANTOS, ZAMPERETTI, 2019; SOUZA, ZAMPERETTI, 2020).

Salas de aulas passam a ser vistas através de janelas: janelas do Zoom, janelas do Google Meet, janelas do Youtube e entre outras plataformas de transmissão ao vivo. Deste modo, o “trabalho, o lazer e a vida social voltaram-se à realidade virtual” (BÖCKMANN, 2021).

A paisagem das janelas de nossas moradias também se tornou um atrativo ao nosso olhar, quando não podíamos sair de nossas residências. Sobre a vista da janela foram inúmeros feitos registros poéticos de diferentes materialidades: ilustrações, fotografias, pinturas e outras expressões artísticas, retratando a experiência do confinamento doméstico.

Talvez, a resposta à crise pandêmica por parte dos professores tem se constituído em

[...] um paroxismo, um nível alto de tensão em busca de emersão de processos educativos ainda a serem refletidos, e que estão em pleno desenvolvimento, pois não existiam respostas antes de surgirem os problemas e não as temos ainda. Mesmo que neurocientistas tenham se preparado para dar respostas à situação atípica que vivemos e que a maioria dos materiais digitais disponibilizados durante a pandemia seguiu este direcionamento [seria difícil pensar no estabelecimento de relações humanas aprendizes somente com o distanciamento social] (ZAMPERETTI, 2021, p. 48).

Quando iniciou a pandemia, a produção artística se manifestou em relação ao coronavírus; uma relevante iniciativa intitulada ‘The Covid Art Museum’ teve repercussão mundial. Trata-se de um museu cujo ambiente é virtual, o qual foi criado

no início da pandemia e teve como finalidade “reunir trabalhos de artistas de todo o mundo para falar sobre a quarentena, como se vive nessa situação de reclusão e sobre o que ela tem provocado na vida das pessoas” (CARDOSO JR., [2020], p. 28). Assim, segundo o autor, foram feitos trabalhos artísticos tratando de vários temas relacionados ao coronavírus e ao isolamento social. Tais manifestações artísticas são compartilhadas no Instagram, compostas por ilustrações, pinturas, colagens, fotografias, animações e entre outras manifestações artísticas. Assim, ‘The Covid Art Museum’ divulga esses trabalhos, além de registrá-los e arquivá-los em seu site. Conforme relata Cardoso Jr. ([2020], p. 28), o impacto da pandemia no

modo das artes e da cultura tem sido grande no mundo todo. Além de refletirem sobre o impacto da pandemia no cotidiano das pessoas e suas consequências para o futuro da humanidade pós-pandemia, artistas e outros profissionais do campo das artes visuais sofrem com os efeitos da crise no próprio mundo da arte. Museus, galerias e centros culturais suspenderam suas programações e muitos eventos artísticos foram cancelados no vasto cenário internacional de arte e cultura.

Em convergência, o ‘Museu do Isolamento’ foi criado para proporcionar aos artistas brasileiros um espaço de exposição on-line. É uma iniciativa que propõe “divulgar o trabalho de artistas que estão produzindo em seus diferentes isolamentos” (MUSEU..., [2020]) frente a um contexto de museus fechados. Atualmente o museu apresenta temáticas relacionadas à pandemia, mas também aos “desdobramentos e visões de mundo que surgem dia após dia enquanto vivemos essa realidade” (BÖCKMANN, 2021).

Já a céu aberto, nos centros urbanos, também foram feitos diversos trabalhos artísticos aludindo à pandemia, como os seus artefatos e a representação das trabalhadoras e dos trabalhadores da saúde, em especial das enfermeiras e a própria imagem do novo coronavírus. A partir de Cardoso Jr. [2020], percebe-se que estes trabalhos foram feitos em vários lugares do mundo, manifestando-se por meio do grafite, do estêncil, do “lambe-lambe”, dos adesivos, das intervenções em monumentos públicos e através das projeções luminosas em prédios localizados nos centros urbanos. Os olhares poéticos em relação a estas paisagens traduzem uma experiência tão única do fenômeno da pandemia, que junto ao isolamento social, motivam as medidas de contenção do vírus e a luta pela vida, dentre outras experiências possíveis.

A pandemia não acabou em 2020, estamos em 2021 e ainda enfrentamos processos de confinamento doméstico em função da falta de vacinação. Com a proliferação de novas variantes do vírus, não temos possibilidades de vislumbrar acontecimentos futuros, ainda que imediatos. Assim, é possível pensar que as estéticas do isolamento perpassaram as vivências de muitas infâncias e juventudes adolescentes, de maneira potente e criativa, também sofrida, de outro modo. Por certo, em diferentes contextos, a pandemia agravou as vulnerabilidades, produzindo experiências conturbadoras e traumáticas.

Em obra publicada por Boaventura Santos intitulada 'A cruel pedagogia do vírus' (2020a), o autor sustenta que as mulheres, os trabalhadores precários e os trabalhadores e a população de rua, os moradores das periferias pobres da cidade, os imigrantes, os deficientes, os idosos, foram os grupos mais atingidos, cuja vulnerabilidade "precede a quarentena e se agrava com ela" (SANTOS, 2000a, p. 15). Apesar do autor não ter mencionado as crianças, elas também sofreram com a quarentena. Desde os filhos de trabalhadores e trabalhadoras em situação precária, crianças e adolescentes moradores das periferias pobres da cidade ou em situação de rua e jovens refugiados ou migrantes, todos têm sua realidade agravada. Pois, constatamos que as novas dinâmicas de convivência resultantes da pandemia afetaram as crianças e os adolescentes de maneira perturbadora, estressante e até monstruosa em alguns casos, como o abuso sexual e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Nas palavras de Queiroz:

É notório que o atual cenário pandêmico provocou uma ampliação das vulnerabilidades de crianças e adolescentes em todo o mundo, uma vez que, longe da escola e de outros canais externos de diálogo, esses indivíduos ficaram mais expostos a diversos tipos de violência, a exemplo da exploração sexual (2020, p. 201).

Outra questão, relativa à pobreza, refere-se às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade econômica. Conforme Felizardo, "muitos alunos da rede pública de ensino são filhos de pais que sobrevivem em meio à precarização dos vínculos trabalhistas, e até mesmo de desempregados" (2020, p. 294). Ainda que, em situações de vulnerabilidade, a escola forneça aos estudantes os materiais escolares e distribua a merenda escolar, ainda falta acesso à internet no ambiente domiciliar de maneira equitativa e as tecnologias necessárias para o seu uso.

A ONU reconhece que o acesso à internet e informação é um direito humano, portanto deve ser considerado como garantia fundamental para a cidadania e inclusão digital/social. Além disso, dados divulgados em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 45,9 milhões de brasileiros ainda não tinham acesso à internet em 2018. Este número corresponde a 25,3% da população com dez anos ou mais de idade.

Porém ainda nos encontramos em situação bastante incipiente quanto ao salvaguardo de tais direitos básicos, seja por falta de conexão com a internet, espaços e condições adequadas ou pela carência de alfabetização tecnológica, letramento digital e/ou formação pedagógica de professores e gestores escolares (ZAMPERETTI, 2021, p. 41-42).

Desta forma, sem acesso aos canais de comunicação com os professores, mais difícil é para as crianças e os adolescentes esclarecerem as suas dúvidas nas aprendizagens e até mesmo comunicarem situações de violência. Fato que pode desmotivá-los na elaboração das atividades pedagógicas e por consequência, causar a evasão escolar. Somando-se a isso as dificuldades econômicas "o trabalho infantil (...) se aproxima e se apresenta como a solução" (COSTA; PRIMOLAN, 2020, p. 61).

Conforme Gabriele Queiroz (2020, p. 213), “no mundo inteiro, a pandemia do novo coronavírus e as medidas de restrição destinadas a conter a propagação da doença amplificaram as vulnerabilidades das minorias sociais, como trabalhadores, mulheres, idosos e crianças”. Durante a pandemia, 17 milhões de mulheres foram vítimas de violência física, psicológica ou sexual (G1, 2021).

Instituições que compõem a rede de proteção a mulheres, crianças e adolescentes no Brasil também denunciam o aumento do número de casos e chamam a atenção para a possibilidade de menor visibilidade das situações em função da recomendação de se permanecer em casa, além do fechamento ou redução da jornada de trabalho dos serviços de proteção, tais como a delegacia de mulheres, conselhos tutelares etc. A situação torna-se ainda mais relevante porque em cenários de violência doméstica contra a mulher, na maior parte das vezes, também há violência contra crianças e adolescentes (MARQUES et al., 2020, p. 2).

Isso, considerando os impactos da pandemia nas mulheres, crianças e adolescentes que têm uma moradia, porém sabemos que existem tantos outros sem lares, morando na rua, literalmente. Em um contexto de normalidade, a criança em situação de rua está invisível. Por conta da naturalização do fato, essas juventudes são esquecidas. São narrativas muito fortes e tristes para a maioria de nós, posto o teor de opressão e de descaso social que carregam. Exclusões abissais que agem por meio da violência e apropriação das vidas, “a fim de tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não-existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos” (SANTOS, 2021b, p. 50).

Diante de todos estes contextos de infâncias e juventudes adolescentes, existem crianças “presas” em suas residências, em alguns casos, convivendo com sujeitos agressores. Jovens refugiados, situados nas periferias da cidade, jovens no sistema socioeducativo e até mesmo crianças e adolescentes sujeitos às exclusões abissais. Observando essas diferentes realidades, pergunta-se: que experiências de vida as crianças e os adolescentes estão obtendo com as medidas sanitárias de contenção do Covid-19? E como nós, professores e professoras de Artes Visuais, podemos trabalhar com os nossos conteúdos curriculares a partir destas experiências de vida?

Ensino de Artes Visuais e experiência na perspectiva de John Dewey

John Dewey, em uma obra intitulada ‘Experiência e educação’ irá defender a importância de partirmos da experiência de vida dos estudantes para elaborarmos os nossos conteúdos de aprendizagem. O autor se posiciona de maneira crítica em relação à educação tradicional, defendendo os princípios de uma educação progressiva, baseada na experiência de vida dos estudantes, posto que a educação progressiva une experiência e aprendizado (DEWEY, 2011).

Dewey descreve alguns critérios da experiência, nos quais ele afirma que “a

continuidade da experiência opera de forma diferente em variadas circunstâncias, permitindo o crescimento” (2011, p. 36). Assim, para o autor, o educador, “deve apresentar direção e desafio” (2011, p. 38). Neste entendimento, a experiência tem sempre uma continuidade, ou seja, ela se perpetua na experiência que lhe sucede. Pensemos, por exemplo, na experiência dos jovens viventes do confinamento doméstico: a vista pela janela, por onde ela continua? Na vista de uma janela virtual? Na vista da janela do carro? Ou na “janela da alma” ? Seja qual for o contínuo de sua experiência, o importante, é que essa experiência leve a uma reflexão educativa (DEWEY, 2011).

O autor sustenta que “a experiência depende das condições externas” (2011, p. 40) e conceitua tal critério, adicionando outro: “o ambiente afeta as experiências educacionais” (Ibid.). Na pandemia do COVID-19, a casa, a rua, o abrigo, o sistema socioeducativo são ambientes que afetam a experiência das crianças e dos jovens adolescentes. Estes afetos podem ser criativos, felizes e potentes ou bastante dolorosos. Outro critério que Dewey apresenta é que “continuidade e interação determinam a experiência” (2011, p. 45), ou seja, a interação com o meio, as situações nele criadas, e as vivências nele tidas, determinam a experiência. Desta forma, é possível pensar na multiplicidade de sentidos, vivências e experiências que perpassam a vida das crianças e jovens.

Para Dewey, “o valor educacional não é abstrato, ele deve atender às necessidades do aprendiz” (2011, p. 47). Pensemos, então, que necessidades educacionais têm os estudantes que estão vivendo o confinamento doméstico, mais ainda, em situação de precariedade ou no sistema socioeducativo ou os jovens refugiados? Provavelmente, são aquelas que estão de acordo com as suas experiências de vida, e como podemos vislumbrar, são bastante diversas, ainda que potencialmente dolorosas.

No capítulo “A organização progressiva das matérias e conteúdos curriculares”, Dewey estabelece alguns princípios, o primeiro deles é que “o conteúdo das matérias deve derivar das experiências comuns da vida” (2011, p. 75). Em suas palavras:

Quando a educação é concebida em termos de experiência, uma consideração se destaca em relação às demais. Tudo o que possa ser considerado como matéria de estudo, seja aritmética, história, geografia ou qualquer uma das ciências naturais, deve derivar de matérias que, originalmente pertençam ao escopo da experiência de vida cotidiana (2011, p. 75).

Pensando nesse princípio, especificamente, para o ensino de Artes Visuais na perspectiva da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2000), entendemos que os conteúdos para o ensino de Artes Visuais derivam, predominantemente, de imagens provenientes de diversas fontes. Logo, o professor ou a professora de Artes Visuais pode trabalhar com a sua interpretação crítica (SARDELICH, 2006) e com os seus processos fruição e de criação (BRASIL, 1997). Em segundo plano, podemos compreender que desde o início da pandemia e por meio da constituição de um ‘novo cotidiano’, foram feitas inúmeras representações artísticas que retratam diferentes experiências de vida e que podem ser trabalhadas nas aulas de Artes Visuais, buscando consonância com as

experiências de vida dos estudantes.

O Museu da Imigração, por exemplo, em seu site, tem uma seção de materiais educativos voltado para Artes Visuais ; por meio destes é possível trabalhar com o tema dos deslocamentos e territorialidades. Além disso, nesta mesma seção, encontramos aportes pertinentes para trabalharmos com as crianças migrantes. Já sobre a população em situação de rua e precariedade, encontramos uma série de imagens pictóricas, reunidas por Denise Gomes Ludwig (2014). Tais imagens formam um repertório visual, que representa a crueldade desta extrema pobreza. A partir destas visualidades é possível fazer uma leitura crítica sobre a realidade em que vivemos e como nos relacionamos com ela, considerando situações e interações com a sociedade passíveis de serem refletidas em sala de aula.

A problemática do trabalho infantil é elucidada num videoclipe da música 'Sementes', cantada pelo rapper Emicida e pela rapper Drik Barbosa . Outro material educativo, referente a este assunto é o livro em história em quadrinhos da turma da Mônica, intitulado 'Toda criança quer ser criança' (2006). É lamentável considerar e imaginar experiências nestas circunstâncias, mas elas são reais, e se acentuaram durante a pandemia.

No tocante às violências sexuais, como uma medida de enfretamento e combate a este tipo de violência, o Canal Futura em parceria com o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Childhood Brasil, "desde 2009, dissemina informações de qualidade para ajudar no combate à violência sexual" (ABE, 2021). Minisséries audiovisuais foram criadas através do projeto 'Crescer sem Violência' (CANAL FUTURA; CHILDHOOD BRASIL; UNICEF, [2020]). Em número de três, são direcionadas à autoproteção das crianças: 'Que exploração é essa?'; 'Que abuso é esse?', e outra, intitulada 'Que corpo é esse?' . Para as duas primeiras há um caderno pedagógico e para a terceira, foi feito um gibi.

O que as crianças e os adolescentes aprendem "no processo de aquisição de um conhecimento ou habilidade em uma determinada situação torna-se um instrumento" (DEWEY, 2011, p. 45) para compreenderem e lidarem com a situação posterior. A sucessão da experiência, quando direcionada pelo educador na sala de aula, tem como horizonte a proteção das crianças e dos adolescentes, a promoção do seu bem estar e, sobretudo, da prevenção de tais violências.

De acordo com Dewey (2011), o conhecimento sobre os processos experienciais ocorre ao longo da vida, pois estes continuam "enquanto a vida e a aprendizagem continuarem" (p. 45). O segundo princípio da organização das matérias e conteúdos curriculares é que "os conteúdos das matérias de estudo devem ser desenvolvidos progressivamente de acordo com a maturidade do aluno" (DEWEY, 2011, p. 76). Assim, precisamos ser sensíveis e coerentes, como professores, na ocasião da escolha das visualidades e materiais a serem explorados em sala de aula, com o intuito de não promover constrangimento ou exposições desnecessárias.

Dewey (2011) chama a atenção para o potencial das experiências das crianças e adolescentes e da necessária inter-relação entre os processos educativos e as experiências cotidianas.

O educador que faz conexão entre educação e experiências reais torna-se responsável por tarefas mais sérias e mais difíceis. Ele deve estar atento às potencialidades das experiências para levar os alunos a novos campos que pertencem a essas experiências e deve usar o conhecimento dessas potencialidades como critério para a seleção e organização das condições que influenciam na experiência presente dos alunos (DEWEY, p. 79, grifos nossos).

Deste modo, para compreender as potencialidades das experiências dos estudantes em Artes Visuais, o professor ou a professora necessita identificar as visualidades com as quais os estudantes se relacionam em seu cotidiano, tanto como intérpretes quanto como criadores de imagens (HERNÁNDEZ, 2000). Depois de identificadas as visualidades, o professor desenvolverá suas atividades planejadas, de modo que o seu desenvolvimento conduzirá a aprendizagem dos estudantes a novos campos de experiência, e por conseguinte, a novas possibilidades de interação com estas questões.

Dewey compreende que “o aprendizado deve se desenvolver a partir de condições de experiência que deem origem a uma busca ativa por informação e novas ideias” (2011, p. 82). Sobre isso, o autor, destaca dois pontos, o primeiro é que os problemas devem surgir “das condições das experiências que estão acontecendo no presente e que sejam coerentes com as capacidades dos alunos” [e] “que essas experiências despertem nos alunos a necessidade de busca ativa de informações e novas ideias” (2011, p. 82). Desta forma, é importante ressaltar o potencial das pedagogias culturais, que a partir das condições que possibilitam a promoção de experiências e interação com artefatos culturais, como nas aulas de Artes Visuais, contribuem para a compreensão das mídias na produção de percepções e entendimentos sobre os significados de vida, educando os sujeitos, produzindo subjetividades e interferindo nas percepções humanas e do mundo.

Considerações Finais

Muitos profissionais, que trabalham com a produção visual e audiovisual e artistas, durante o ano de 2020 e o ano de 2021, realizaram inúmeras manifestações sobre temas relativos à pandemia. Ainda que estas visualidades não tenham sido produzidas para uma finalidade pedagógica e/ou artística, é possível compreender, por meio das pedagogias culturais, que estas podem proporcionar discussões a respeito dos artefatos da cultura e processos educativos, pois a pedagogia e os processos educativos podem ocorrer em todo o lugar em que o conhecimento é produzido. Os saberes resultantes destas situações extrapolam os limites impostos pelas instituições, como a escola, por exemplo. Portanto, a cultura é uma área privilegiada de produção de práticas culturais de significação que podem, porventura, educar.

A partir de Dewey, entendemos que a experiência de vida das crianças e dos

adolescentes é muito promissora para o desenvolvimento de suas aprendizagens, pois, com os conteúdos derivando de suas experiências, proporcionalmente é possível que, os estudantes se envolvem com mais atenção, dedicação e zelo pelos seus estudos. O professor ou a professora identifica estas experiências, direciona e potencializa o seu crescimento reflexivo, transformando, deste modo, a vivência e/ou a experiência em um conhecimento, da ordem das diferentes dimensões sociais, políticas, éticas e estéticas. No momento da pandemia, as experiências do cotidiano sofreram uma ruptura, alcançando a escola, e conseqüentemente as juventudes. Se faz importante, então, estarmos atentos a estas novas experiências, reconhecendo as múltiplas infâncias e juventudes adolescentes, situando assim o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Em relação à vulnerabilidade social na infância e na adolescência, vimos que podemos trabalhar de forma direta ou indireta através das artes visuais, intermediadas por diversos materiais educativos e pedagogias culturais que questionam estas vulnerabilidades, explorando a temática em diferentes contextos. Além disso, estes materiais educativos e as pedagogias culturais têm o potencial de aproximar o olhar das crianças e adolescentes às experiências de vida de outras infâncias e juventudes, produzindo assim, um sentimento de empatia e até de indignação. Discussões que podem ser promovidas desde a realidade local da escola a outras situações vividas por crianças e jovens adolescentes ao redor do mundo.

Em suma, a pandemia alterou nossos modos de viver e proporcionou novas experiências às crianças e aos adolescentes, experiências que vão marcar a vida deles, dado a um fenômeno tão inusitado. Acreditamos na importância do ensino de Artes Visuais e, principalmente, na sensibilidade de trabalhar com as experiências de vida dos jovens, para então desenvolver saberes sensíveis e cognitivos. Porém, reconhecemos que nem todas as experiências que se consolidaram foram lúdicas, felizes e serenas, posto que em nosso país, há altos índices de desigualdades e violência. Muitas crianças sofreram durante a pandemia, com um enfrentamento superlativo. Quanto a isso, o professor ou a professora com apoio de um material educativo e apoiado nas pedagogias culturais, pode conduzir os estudantes à reflexão e talvez, compreensão dessas experiências. Para tal, cabe aos professores repensarem os seus métodos de ensino, pois partindo de John Dewey, temos um caminho: experiência e educação.

Referências

ABE, Stephanie Kim. Educação versus violência sexual contra crianças e adolescentes. **CENPEC Educação**. São Paulo, 18 abr. 2021. Notícias. Notícias de educação. Juventudes. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/noticias/a-educacao-contra-o-abuso-a-violencia-e-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BÖCKMANN, ESTELA. Pandemia e Arte: resistência frente ao novo coronavírus. **ArteVersa**, Rio Grande do Sul, 29 mai. 2021. Coleção de Artistas. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/>

arteversa/?p=43513>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC: SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. 11 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.987, de 7 de abril de 2020. **Altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, para autorizar, em caráter excepcional, durante o período de suspensão das aulas em razão de situação de emergência ou calamidade pública, a distribuição de gêneros alimentícios adquiridos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) aos pais ou responsáveis dos estudantes das escolas públicas de educação básica**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13987.htm>. Acessado em: 12 ago. 2021.

CANAL FUTURA; CHILDHOOD BRASIL; UNICEF. Crescer sem violência. **Canal Futura**, [s. l.], [2020]. Projetos do Futura. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/projetos/crescersemviolencia/>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CARDOSO JR., Wilson. **Artes visuais em tempo de pandemia**. [Rio de Janeiro], [2020]. Primeira Parte: Arte Covid, as artes visuais em combate ao coronavírus. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/12/NVersao-Arte-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

COSTA, André Luiz da Silva; PRIMOLAN; Débora Alves. Trabalho infantil no Brasil: probabilidade de recrudescimento frente à pandemia do covid-19. In: DA MOTA, Fabiana Dantas Soares Alves; SOBRINHO, Zéu Palmeira (Coord.). **Trabalho infantil e pandemia: diagnóstico e estratégias de combate**. Natal: Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região: Escola Judicial (EJ-21) do Tribunal Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte / Núcleo de Estudos Sobre Trabalho Infantil, 2020. p. 52-69. Disponível em: <https://ead.trt21.jus.br/pluginfile.php/780/mod_book/chapter/17/E-book%20-%20Trabalho%20Infantil%20e%20Pandemia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FELIZARDO, Ana Paula. “Uma ofegante pandemia”: reflexões sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes no contexto da covid-19 no Brasil. In: DA MOTA, Fabiana Dantas Soares Alves; SOBRINHO, Zéu Palmeira (Coord.). **Trabalho infantil e pandemia: diagnóstico e estratégias de combate**. Natal: Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região: Escola Judicial (EJ-21) do Tribunal Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte / Núcleo de Estudos Sobre Trabalho Infantil, 2020. p. 280-306. Disponível em: <https://ead.trt21.jus.br/pluginfile.php/780/mod_book/chapter/17/E-book%20-%20Trabalho%20Infantil%20e%20Pandemia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MAURICÍO DE SOUZA PRODUÇÕES; FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL. **A turma da Mônica**: toda crianças quer ser criança. Brasil: Maurício de Souza Editora, 2006. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/turma_da_monica/monica_trabalho_infantil.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**. São Paulo: Europa Filmes, 2002. 1 DVD (73min), color.

LUDWIG, Denise Gomes. Pinturas com pessoas pobres: a desigualdade social. **De Arte em Arte**. [s. l.], 03 abr. 2014. Disponível em: <<https://deniseludwig.blogspot.com/2014/04/pinturas-com-pessoas-pobres-portinari-e.html>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MARQUES, Emanuele Sousa. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 1-6, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpq6sxJsX6Sftx/?lang=pt>>. Acesso em: 30 fev. 2021.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Materiais Educativos**. São Paulo, [21--?]. Educativo. Disponível em: <<https://museudaimigracao.org.br/educativo/materiais-educativos>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MUSEU DO ISOLAMENTO. **O que é o museu do isolamento**. Brasil, [2020]. Sobre. Disponível em: <<https://museudoisolamento.com/o-que-somos/>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

G1. Pandemia de agressões: 1 em cada 4 mulheres sofreu violência no Brasil. **G1**, São Paulo, 7 jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/stories/2021/06/07/uma-em-cada-quatro-mulheres-sofreu-violencia-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PONTES, Ana Lucia de Moura. et al. Pandemia de Covid-19 e os Povos Indígenas no Brasil: cenários sociopolíticos e epidemiológicos. In: MATTA, Gustavo Corrêa. et al. (Org.) **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021. p. 123-136. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

QUEIROZ, Gabriele Nogueira. Exploração sexual infantil e os riscos da internet: vulnerabilidades acentuadas pela pandemia. In: DA MOTA, Fabiana Dantas Soares Alves; SOBRINHO, Zéu Palmeira (Coord.). **Trabalho infantil e pandemia**: diagnóstico e estratégias de combate. Natal: Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região: Escola Judicial (EJ-21) do Tribunal Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte / Núcleo de Estudos Sobre Trabalho Infantil, 2020. p. 201-225. Disponível em: <https://ead.trt21.jus.br/pluginfile.php/780/mod_book/chapter/17/E-book%20-%20Trabalho%20Infantil%20e%20Pandemia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RUTHSAM, Luciana. Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância. **UNICAMP**, Campinas, 14 abr. 2021. Cultura e Sociedade. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. A sul da quarentena. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina SA, 2020a. Disponível em: <https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf> Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Percursos para as epistemologias do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 41-64.

SANTOS, Isabel Cristina; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Tecnologias digitais e Artes

Visuais: o desenho virtual com o aplicativo Strava. In: João Batista Bottentuit Junior.

(org.). E-Book do **I Simpósio Internacional de Tecnologias Digitais na Educação/**

IV Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação [recurso eletrônico]. 1ed.

São Luís - MA: EDUFMA, 2019, p. 1345-1358. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12V0u_ykLns5A3xLUBYdJ4KqsOgAlNqq/view?usp=sharing>.

Acesso em: 20 jul. 2021.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo. v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/405/408>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SOUZA, Fabiana L. de; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Smartphones e Artes Visuais – Notas sobre novas tecnologias no ensino da perspectiva forçada. **Movendo Idéias (UNAMA)**. v.25, p.1 - 9, 2020. Disponível em: <<http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/2114/1378>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

TITO, Fábio. Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid. **G1**. [São Paulo]. 19 jun. 2021. Bem Estar. Coronavírus. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/19/brasil-chega-a-marca-de-500-mil-mortes-por-covid.ghtml>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia**. Palíndromo, v. 13, n. 29, p. 38-53, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/18977/12714>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

WIKIPÉDIA. Drik Barbosa. **Wikipédia**, Brasil, 2021a. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Drik_Barbosa> Acesso em: 14 jun. 2021.

WIKIPÉDIA. Emicida. **Wikipédia**, Brasil, 2021b. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emicida>> Acesso em: 14 jun. 2021.

Submissão: **14/06/21**

Aceitação: **16/08/21**